

Análise Temática Reflexiva: interpretações e experiências em educação, sociologia, educação física e esporte

Reflective Thematic Analysis: interpretations and experiences related to education, sociology, physical education and sport

Análisis Temática Reflexiva: interpretaciones y experiencias en educación, sociología, educación física y deporte

RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES¹; BILLY GRAEFF²
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, USP, RIBEIRÃO PRETO -SP, BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, FURG, RIO GRANDE-RS, BRASIL

RESUMO

A Análise Temática (AT) tem recebido destaque como método de análise qualitativa em pesquisas sobre diversas áreas, como Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte. A AT consiste em uma família de métodos ou abordagens com características semelhantes, mas com alguma elasticidade semântica e flexibilidade, com diferentes formas de análises. Os objetivos deste artigo³ foram: analisar e apresentar de forma didática o método Análise Temática Reflexiva (ATR), considerando as orientações de Virginia Braun e Victoria Clarke; compartilhar experiências de uso de tal método em estudos sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte, refletindo sobre dificuldades e êxitos vivenciados em tal processo. Considerando nossa leitura e interpretação dos trabalhos de Braun e Clarke, além de nossa experiência em pesquisa qualitativa com a utilização da ATR, procuramos criar uma forma didática, reflexiva e crítica de apresentar o método, assim como nossas experiências pessoais neste processo.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa. Análise Temática. Reflexividade. Codificação. Humanidades.

ABSTRACT

Thematic Analysis (TA) has been highlighted as a qualitative analysis method in several research areas, as Education, Sociology, Physical Education and Sport. TA consists of a family of methods or approaches with similar characteristics, but with some semantic elasticity and flexibility, with different forms of analysis. The aims of this article were: to analyze and present in a didactic way the Reflective Thematic Analysis (RTA) method, considering the orientations from Virginia Braun and Victoria Clarke; to share experiences of using this method in studies on Education, Sociology, Physical Education and Sport, reflecting on the difficulties and outcomes experienced during this process. Considering our reading and interpretation of Braun and Clarke's works, in addition to our experience in qualitative research using RTA, we sought to create a didactic, reflective and critical way of presenting the method, as well as some of our personal experiences in this process.

Keywords: Qualitative Research. Thematic Analysis. Reflexivity. Codification. Humanities.

RESUMEN

La Análisis Temática (AT) ha sido destacada como método de análisis cualitativo en diferentes áreas, como Educación, Sociología, Educación Física y Deporte. La AT consiste en un grupo de métodos o enfoques con características similares, pero con cierta flexibilidad y elasticidad semántica, con diferentes formas de análisis. Los objetivos de este artículo fueron: analizar y presentar de manera didáctica el método de Análisis Temática Reflexiva (ATR), considerando las orientaciones de Virginia Braun y Victoria Clarke; compartir experiencias de uso de este método en estudios sobre Educación, Sociología, Educación Física y Deporte, reflexionando sobre las dificultades y éxitos experimentados en este proceso. Considerando nuestra lectura e interpretación de los trabajos de Braun y Clarke, además de nuestra experiencia en investigación cualitativa utilizando ATR, buscamos crear una forma didáctica, reflexiva y crítica de presentar el método, así como algunas de nuestras experiencias personales en este proceso.

Palabras clave: Investigación Cualitativa. Análisis Temática. Reflexividad. Codificación. Humanidades.

¹ Professor associado da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP/USP). E-mail: renatamarques@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7807-3494>.

² Professor Adjunto do Instituto de Educação da FURG. Pós-doutorando na EEFERP/USP. E-mail: billygraeff@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8114-7829>.

³ Este trabalho contou com financiamento da FAPESP através de bolsa de pós-doutorado.

INTRODUÇÃO

No universo das diferentes possibilidades de investigação científica, a pesquisa qualitativa busca, entre outros objetivos, compreender o significado de eventos, fenômenos, experiências e ações em um ambiente específico para seus interlocutores, de maneira que os componentes se relacionam para formar o todo. Esse tipo de pesquisa, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos e fenômenos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de conceitos e categorias. A pesquisa qualitativa “[...] envolve significar e criar sentido, sempre de forma vinculada ao contexto, de maneira posicionada e situada; [...] produto de imersão, pensamento amplo e reflexão de dados de forma profunda e prolongada, algo ativo e gerador” (BRAUN; CLARKE, 2019, p. 591, tradução nossa).

Abordagens qualitativas de pesquisa envolvem diferentes formas de produção e coleta de dados, como entrevistas, questionários, observações de campo, análises imagéticas, intervenções práticas (LIMA *et al.*, 1996; MATOS, 2017; MINAYO, 2002; PIOTTO, 2011; SPARKES; SMITH, 2014), entre outras possibilidades.

No processo de análise de dados, as abordagens qualitativas, especialmente aquelas que privilegiam a participação ativa do(a) pesquisador(a) na produção e análise de dados, oferecem “[...] recursos e reflexões ricos e convincentes sobre o mundo real, experiências e perspectivas [...] de maneiras completamente diferentes, mas também às vezes complementares ao conhecimento obtido por métodos quantitativos” (BRAUN; CLARKE, 2014, p. 1, tradução nossa).

Entre diversos métodos, tradições e abordagens qualitativas de pesquisa, têm-se, por exemplo, a Pesquisa Fenomenológica (BARREIRA, 2017; GONÇALVES JÚNIOR *et al.*, 2021), a Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2009; STRAUSS; CORBIN, 2008), a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), além de inúmeros outros. Neste contexto, atualmente a Análise Temática (AT) tem recebido destaque e atenção em diversas áreas.

A Análise Temática não se apresenta como um método homogêneo e unidimensional, mas consiste em uma espécie de família de métodos ou abordagens com características semelhantes, mas com alguma elasticidade semântica e flexibilidade, podendo ser baseada em diferentes formas de análises e procedimentos.

Dentro do relativamente vasto universo de abordagens que compõem a família de AT, as pesquisadoras Virginia Braun e Victoria Clarke alcançaram importante destaque, especialmente com a publicação do artigo intitulado “*Using thematic analysis in psychology*” (BRAUN; CLARKE, 2006), que se tornou uma das principais referências sobre o método. Tal trabalho influenciou, e ainda influencia, pesquisadores(as) de diversas áreas além da psicologia. Após mais de uma década de dedicação a este tema, nos últimos anos Braun e Clarke propuseram uma forma de abordagem ainda mais específica e rigorosa, intitulada Análise Temática Reflexiva (ATR) (BRAUN; CLARKE, 2019; CLARKE; BRAUN, 2018).

Neste processo, as próprias autoras utilizaram o termo Análise Temática (em original no idioma inglês *Thematic Analysis*) em seus primeiros trabalhos sobre este método, algo que se modificou com o tempo, passando a adotar o termo Análise Temática Reflexiva (*Reflexive Thematic Analysis*). Além disso, elas indicam que, de forma mais precisa, quando a abordagem divulgada por elas for utilizada, esta deve ser tratada como ATR, e não somente como AT (BRAUN; CLARKE, 2019). Tal orientação se deve ao fato de que inicialmente o método foi apresentado de forma bastante flexível, porém com o tempo, foram percebidas algumas necessidades de melhor delimitação e maior rigor na caracterização das escolhas epistemológicas e metodológicas por parte de pesquisadores(as).

Considerando tal cenário, no presente artigo nós abordaremos a ATR do modo como proposto por Virginia Braun e Victoria Clarke, como método de análise qualitativa que pode

contribuir para estudos sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte. A ATR pode contribuir para analisar: a) experiências de pessoas em relação a um tópico de pesquisa; b) fatores e processos que sustentam e influenciam determinado fenômeno; c) identificar padrões em práticas e comportamentos observados ou relatados por pessoas; d) apontar pontos de vista e perspectivas de pessoas sobre certo tópico (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). O que nos motiva e orienta para a escrita de tal artigo, assim como o justifica, é o diagnóstico de que uma maior divulgação dos trabalhos de Braun e Clarke a partir de um idioma latino, neste caso o português, pode contribuir para certo incremento em seu uso, e no rigor em análises que se propõem a utilizar esse método por um público de pesquisadores(as) específico. Além disso, é possível identificar alguns aspectos em pesquisas recentes que merecem atenção, e acreditamos que este artigo pode contribuir para a melhoria das formas de utilização da ATR frente a alguns tópicos, por exemplo:

a) Por ter sido inicialmente apresentado como um método flexível (BRAUN; CLARKE, 2006), por vezes tal característica é confundida com ausência de rigor teórico-analítico, o que pode levar a análises qualitativas superficiais ou imprecisas;

b) É muito comum que trabalhos que se propõem a utilizar a ATR como método de análise qualitativa apenas baseiem-se e citem o artigo original de Braun e Clarke publicado em 2006, desconsiderando anos de desenvolvimento e aprimoramento do método;

c) Assumir escolhas teóricas e epistemológicas consiste em uma etapa fundamental para a utilização da ATR como método de análise. Porém, é necessário que isso seja feito de forma prévia, ainda na elaboração do objeto, do problema e dos referenciais teóricos de pesquisa, algo que nem sempre é evidente em estudos que se valem desta abordagem;

d) Nem sempre alguns parâmetros da ATR são considerados por pesquisadores(as). Por exemplo, as orientações para escolha e seleção de participantes do estudo (BRAUN; CLARKE, 2021b), também de criação de códigos e temas durante e após a análise dos dados (BRAUN; CLARKE, 2021a).

Neste contexto, propor uma apresentação e análise sobre ATR, complementando com algumas de nossas experiências em seu uso em estudos sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte, pode ser uma forma de contribuir para o universo de pesquisa qualitativa nestas áreas e suas subáreas.

Em complemento, Braun e Clarke (2021a) ainda apontam dez problemas de ordem metodológica que são comuns em estudos que se valem da ATR, e que acreditamos que este presente artigo pode também contribuir para evitá-los: 1) Considerar AT como uma abordagem única; 2) Citar, especialmente o artigo de 2006 (BRAUN; CLARKE, 2006), sem ler o mesmo; 3) Citar diferentes fontes sobre AT que não dialogam entre si, com abordagens diferentes; 4) Confundir a flexibilidade teórica da AT com a falta de fundamentação teórica; 5) Assumir que AT tem apenas uma abordagem teórica; 6) Assumir AT como somente descritiva e não reflexiva, interpretativa ou analítica; 7) Confundir códigos com temas; 8) Confundir temas com tópicos; 9) Considerar temas como uma análise pré-existente ou como o resultado de análise; 10) Não ler sobre ATR de forma crítica.

Deste modo, os objetivos deste presente trabalho são: a) analisar e apresentar de forma didática o método Análise Temática Reflexiva, considerando as orientações de Virginia Braun e Victoria Clarke; b) compartilhar algumas experiências de uso de tal método em estudos sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte, refletindo sobre dificuldades e êxitos vivenciados em tal processo.

Este artigo está estruturado em três seções, além desta introdução e as considerações finais, sendo: 1) Caracterização da Análise Temática Reflexiva e o processo de escolha do método⁴; 2) Organização de etapas e escolhas metodológicas que envolvem a ATR; 3)

⁴ Destaca-se a existência de um website gerenciado pelas autoras, que também consiste em uma excelente fonte de informações sobre o método. Nós sugerimos a consulta (BRAUN; CLARKE, 2022b).

Algumas experiências dos autores com a utilização da ATR em pesquisas sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte.

CARACTERIZAÇÃO DA ANÁLISE TEMÁTICA REFLEXIVA E O PROCESSO DE ESCOLHA DO MÉTODO

Em seus primeiros trabalhos, Braun e Clarke propuseram a AT como um método que se baseia na procura e organização no corpo de dados por padrões de fenômenos e eventos relacionados à pergunta de pesquisa:

A AT é um método para identificar, organizar e oferecer sistematicamente informações sobre padrões de significados (temas) em um conjunto de dados [...] a AT permite que o pesquisador veja e compreenda significados e experiências coletivas ou compartilhadas. Identificar significados e experiências únicos e idiossincráticos encontrados apenas em um único item de dados não é o foco da AT. Esse método, portanto, é um modo de identificar o que é comum na maneira como um tópico é falado ou escrito e de entender essas semelhanças. [...] O que é comum, no entanto, não é necessariamente por si só significativo ou importante. Os padrões de significados que a AT permite que o pesquisador identifique precisam ser importantes em relação ao tópico particular e à questão de pesquisa que está sendo explorada (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 57, tradução nossa).

A realização da AT se daria de forma genericamente flexível, no sentido de que o(a) pesquisador(a) necessita ter clareza teórica e epistemológica previamente em relação à sua pesquisa, de modo a subsidiar escolhas que norteariam a análise dos dados, não apenas para conferir rigor metodológico, mas também coerência epistemológica. As escolhas são as seguintes (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2019; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016):

a) Definição do tema: definição sobre o que será considerado como um tema no horizonte da pesquisa. Ou seja, o que contribui para responder à pergunta colocada. Um tema deve captar a relevância do fenômeno em relação à questão central de pesquisa. Neste sentido, não se deve necessariamente considerar como mais relevantes os temas de maior prevalência, mas sim aqueles mais significativos. A perspectiva do pesquisador, com base em suas escolhas e fundamentos epistemológicos e teóricos, determina os modos de criação e interpretação dos temas;

b) Uma rica descrição do conjunto de dados versus um relato detalhado de dado aspecto em particular: uma rica descrição do conjunto de dados se relaciona a temáticas ainda pouco exploradas, oferecendo uma perspectiva global dos temas identificados. Por outro lado, o relato detalhado de um dado aspecto em particular remete-se a uma análise mais direcionada a alguns aspectos do corpo de dados, definidos previamente;

c) Análise indutiva versus teórico-dedutiva: na análise indutiva, os temas emergem dos dados, sem que o pesquisador tente ajustá-los a um quadro de codificação teórico preexistente. A análise teórico-dedutiva é pautada por referências epistemológicas e fundamentos teóricos que norteiam a codificação dos dados e elaboração de temas. Porém, em trabalhos mais recentes, Braun e Clarke reconhecem que a dicotomia entre os paradigmas indutivo ou dedutivo podem se refletir em uma questão até certo ponto utópica, e apontam que qualquer análise temática, mesmo que pautada em uma perspectiva teórico-dedutiva, permite que códigos e temas sejam criados a partir de questões não esperadas pelo(a) pesquisador(a), ou que em uma primeira vista não se relacionem diretamente com a teoria adotada como referencial para a investigação. A escolha por uma análise teórico-dedutiva,

fortemente alicerçada em uma teoria prévia, também deve estar aberta ao aparecimento de códigos e dados que evidenciem novidades ou novas perspectivas frente ao buscado pelo(a) pesquisador(a). Deste modo, é importante que o(a) pesquisador(a) adote uma forma de ação predominante (indutiva ou dedutiva) que seja coerente com os fundamentos epistemológicos de sua pesquisa. Porém, é importante a clareza de que há limites para a rigidez em análises estritamente indutivas ou teórico-dedutivas;

d) Temas semânticos versus latentes: os temas podem ser identificados a partir de uma codificação em nível semântico, de forma explícita ou superficial, destacados de forma descritiva nos discursos sem a exploração de seus significados ocultos; ou uma codificação de dados latente, demandando um exercício interpretativo para análise de ideias, posicionamentos, ideologias, premissas dos participantes, considerando sua história, contexto e posição social;

e) Epistemologia essencialista/realista versus construtivista: em uma abordagem essencialista/realista assume-se uma relação unidirecional entre o fenômeno descrito e a experiência individual. Na perspectiva construtivista, interpreta-se o significado e a experiência como construções produzidas e reproduzidas socialmente, sendo relacionais entre o agente e o contexto, ao invés de serem inerentes apenas ao indivíduo.

Neste processo de decisões e escolhas metodológicas, alguns elementos orientadores devem ser considerados pelo(a) pesquisador(a): a) o problema e pergunta de pesquisa; b) o referencial teórico utilizado; c) o tipo de instrumento de produção de dados aplicado; d) a abordagem epistemológica considerada (BRAUN; CLARKE, 2012, 2014, 2021c; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). De toda maneira, as escolhas não se configuram como um universo livre, nem mesmo esta flexibilidade deve ser confundida com neutralidade teórica do(a) pesquisador(a) (BRAUN; CLARKE, 2022a). Existem combinações de decisões que conferem à análise um caráter coerente e robusto do ponto de vista epistemológico e metodológico, compondo principalmente dois grupos de escolhas: 1) orientações críticas/construtivistas, dedutivas e latentes; 2) orientações realistas, semânticas e indutivas (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Porém, após anos de análises e acompanhamento dos modos como diversos(as) pesquisadores(as) utilizaram a AT em suas investigações, Braun e Clarke investiram esforços em melhor diferenciar as abordagens sobre AT, especificando com maiores detalhes aquela que julgam como mais adequada, a ATR. Seus procedimentos refletem os valores de um paradigma qualitativo, centralizando na participação do(a) pesquisador(a) nos processos de codificação e a importância da reflexão profunda e do envolvimento com os dados (BRAUN; CLARKE, 2019).

Ao proporem a ATR como uma abordagem de AT, Braun e Clarke apontam que a reflexividade se manifesta neste método a partir da associação da análise dos dados com o conhecimento e fundamentação teórica do(a) pesquisador(a), que de forma articulada, busca responder às perguntas da pesquisa. A boa realização da ATR depende do envolvimento reflexivo e ponderado do(a) pesquisador(a) com seus dados e com o processo analítico (BRAUN; CLARKE, 2019, 2022a). Deste modo, percebe-se na obra das autoras um esforço para diferenciar a ATR de outros métodos e tradições em pesquisa qualitativa (BRAUN; CLARKE, 2019, 2021a, 2022a), especialmente aqueles baseados em paradigmas indutivos, como por exemplo, a Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2009; STRAUSS; CORBIN, 2008).

Diferente dos métodos de natureza primordialmente indutiva, nos quais os resultados, ou as teorias, emergem dos dados (BRAUN; CLARKE, 2021b), a ATR não considera que a verdade está posta no corpo de dados, mas sim que as respostas de pesquisa são construídas a partir da interpretação do(a) pesquisador(a), do referencial teórico escolhido e do contexto em

que os dados são produzidos e apresentados pelos(as) participantes da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2019). Neste sentido, as autoras apontam que a análise reflexiva:

[...] torna a indução “pura” impossível; o(a) pesquisador(a) sempre traz pressupostos metateóricos filosóficos e eles mesmos para a análise, ou seja, uma orientação indutiva é melhor entendida como “fundamentada” em dados. Uma orientação dedutiva na AT reflexiva envolve o uso de teoria preexistente como uma lente através da qual interpretar os dados; A AT reflexiva dedutiva não se trata de “testar” uma estrutura teórica ou hipótese preexistente (BRAUN; CLARKE, 2022a, p. 6, tradução nossa e grifo das autoras).

Neste processo, Braun e Clarke acabam por distanciar a abordagem ATR de algumas das possibilidades de escolhas propostas por elas mesmas em 2006 e 2012, reconhecendo que a análise com reflexividade demanda decisões mais restritas. Em trabalhos recentes, as autoras apontam que a realização da ATR com o rigor necessário leva a uma maior limitação de escolhas, de modo a ser coerente com a necessidade de reflexividade, fundamentação teórica clara (mais relacionada à perspectiva teórico-dedutiva) e análise que permita a participação ativa do(a) pesquisador(a) (BRAUN; CLARKE, 2022a; CLARKE; BRAUN, 2018). Segundo Braun e Clarke (2021a, p. 331, tradução nossa):

Os pesquisadores que usam a AT reflexiva indutivamente precisam identificar e articular idealmente em seus relatórios os pressupostos teóricos que informam sua análise. Usar dedutivamente a AT reflexiva significa que a pesquisa e a teoria existentes fornecem a lente através da qual analisamos e interpretamos os dados.

Em complemento, as autoras propõem que

[...] a AT Reflexiva de [boa] qualidade não é sobre seguir os procedimentos “corretamente” (ou sobre codificação “precisa” e confiável, ou alcançar consenso entre codificadores), mas sobre o engajamento reflexivo e ponderado do(a) pesquisador(a) com seus dados e seu engajamento reflexivo e ponderado com a análise (BRAUN; CLARKE, 2019, p. 594, tradução nossa e grifo das autoras).

Em outras palavras, o processo de análise envolve muito mais do que procedimentos neutros ou estritamente objetivos (BRAUN; CLARKE, 2021a).

De forma a caracterizar a ATR, Braun e Clarke baseiam-se em uma tipologia relacionada a possíveis escolas e formas de AT (BRAUN; CLARKE, 2021a, 2021c; CLARKE; BRAUN, 2018). Destaca-se que a nomenclatura adotada estabelece certo grau de valoração quanto ao que as autoras consideram como mais apropriado e condizente com os paradigmas de uma abordagem qualitativa rigorosa de pesquisa (*Big Q*), e o que se distancia de tal parâmetro (*small q* e *medium q*), assumindo um posicionamento crítico sobre as duas últimas:

a) Pequeno q (*small q*) ou Confiabilidade da codificação (*Coding reliability*): codificação através da ação de diversos(as) pesquisadores(as) codificadores(as), com caráter indutivo, pautada na busca por precisão e reprodutividade da análise, com viés positivista, procura identificar evidências em temas definidos previamente; Os(as) pesquisadores(as) são considerados(as) vieses à análise; Busca-se um grau de correlação entre análise de vários(as) pesquisadores(as) codificadores(as), inclusive através de testagem estatística, caracterizando uma análise coletiva e que busca neutralidade; Busca por consensos entre codificadores(as);

Pesquisador(a) caracterizado(a) como um arqueólogo(a), que busca por dados “escondidos” no material de análise;

b) Grande Q (*Big Q*): escola na qual se inclui a ATR. Respeita com rigor o paradigma qualitativo e enfatiza uma abordagem reflexiva para a codificação e desenvolvimento de temas, com profundidade de engajamento e participação do(a) pesquisador(a) na elaboração dos temas, que são considerados como padrões de significados sustentados por um conceito central; Considera a participação interpretativa e reflexiva do(a) pesquisador(a) como fundamental; Perspectiva predominantemente teórico-dedutiva – “pesquisador(a) interpretador(a)”; Trabalho individual do(a) pesquisador(a); “[...] subjetividade do(a) pesquisador(a) é entendida como um recurso [...], em vez de uma ameaça potencial à produção de conhecimento” (BRAUN; CLARKE, 2019, p. 591, tradução nossa);

c) Médio q (*medium q*) ou Livro de códigos (*Codebook*): tenta misturar a forma de codificação do *small q* com a filosofia qualitativa do *Big Q*; Baseia-se na orientação por códigos e temas previamente definidos e estruturados (*Codebook*); Realiza-se com um grupo de pesquisadores(as) codificadores(as) que se dedicam a encontrar tais elementos no corpo de dados, porém com divisão de tópicos de análise (e conseqüentemente, do trabalho de codificação) entre os diferentes membros; A ideia não é a busca por confiabilidade estatística dos dados, mas de facilitar que vários(as) pesquisadores(as) codificadores(as) possam codificar o material com algum padrão; O trabalho final consiste na junção das análises dos(as) diferentes codificadores(as), cada um(a) explorando uma dimensão do corpo de dados.

Frente a tal tipologia, a ATR se caracteriza como uma forma de AT pautada no *Big Q* (as autoras se valeram deste termo de modo a valorizar tal abordagem, sugerindo uma grande convergência com o paradigma qualitativo de pesquisa. Em outros termos, sendo bastante ou grandemente qualitativa). Considerando que escolher um método depende de sua fundamentação teórica e o tipo de resultado que almeja (BRAUN; CLARKE, 2021c), é fundamental que o(a) pesquisador(a) considere os parâmetros da ATR, assim como as características da própria pesquisa, antes de escolher este método de análise. É importante considerar que a ATR não é coerente com toda e qualquer análise qualitativa, mas sim aquelas que objetivam considerar sua forma específica de análise.

Deste modo, são os dez pontos centrais da ATR (BRAUN; CLARKE, 2022a): 1) Subjetividade do(a) pesquisador(a) é a ferramenta primária; 2) A análise de dados não pode ser caracterizada como precisa ou objetiva, mas forte (complexa, rica, refletida) ou fraca (superficial ou subdesenvolvida); 3) Codificação e geração de temas de boa qualidade envolvem um movimento relacional de engajamento aprofundado nos dados e distanciamento permitindo tempo e espaço para reflexão; 4) A qualidade da codificação não é dependente do número de codificadores(as); 5) Temas são produtos desenvolvidos após a codificação e a partir dos códigos; 6) Temas são padrões de significados ancorados em ideias ou conceitos, não uma relação de significados relacionados a um tópico pretensamente objetivo e neutro; 7) Temas não são descobertos, como se estivessem naturalmente escondidos nos dados, mas gerados a partir da interpretação do(a) pesquisador(a); 8) Análises de dados sempre são baseadas por presunções teóricas, o que evidencia a necessidade de uma definição clara do referencial teórico utilizado, fazendo isso de forma aprofundada; 9) Reflexividade como o envolvimento do(a) pesquisador(a) na geração dos temas; 10) Análise de dados é uma arte, não uma ação mecânica, pois criatividade e rigor são centrais no processo.

Frente a tais pressupostos, sugerimos que a ATR seja utilizada em pesquisas que tenham como característica a intenção interpretativa do(a) pesquisador(a), de modo a promover reflexões pautadas em sua experiência anterior, sua posição social, articulando os códigos e temas com a literatura, referencial teórico do trabalho e as perguntas de pesquisa. No caso de estudos que prevejam a busca por padrões pré-estabelecidos de códigos ou temas, que não contem com apropriação teórica bem delimitada e aprofundada, assim como

prevejam que os resultados emergirão dos dados (em uma perspectiva predominantemente indutiva), a escolha pelo método ATR passa a não ser indicada.

ORGANIZAÇÃO DE ETAPAS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS QUE ENVOLVEM A ATR

A utilização da ATR como método de análise qualitativa envolve, além dos pressupostos epistemológicos e teóricos já apontados na seção anterior deste artigo, também a compreensão de conceitos e etapas de trabalho que permitam análise rigorosa, interpretativa e coerente. Neste contexto, alguns conceitos são fundamentais (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2022a): a) Dado (*Data item*) - Cada peça de dado coletado/produzido; b) Extratos do dado (*Data extract*) - Códigos derivados do dado; c) Corpo de dados (*Data corpus*) - todos os dados produzidos em uma pesquisa; d) Conjunto de dados (*Data set*) - dados selecionados para uma análise em particular; e) Códigos (*Code*) - recursos dos dados que explicitam informação sobre seu sentido, são criados pelo(a) pesquisador(a) através de ação interpretativa; Identificam e fornecem um rótulo para um dado, sendo potencialmente relevante para a questão central da pesquisa; f) Tema (*Theme*) - padrão de respostas ou significados contextualizados dentro de uma complexidade social; não são unidades independentes, são histórias criativas e interpretativas sobre os dados, produzidas/geradas na interseção das premissas teóricas do(a) pesquisador(a), seus recursos, habilidades analíticas e os próprios dados; captura um significado relevante frente à pergunta de pesquisa; g) Subtema (*Sub-theme*) - são temas dentro de temas; h) Mapa temático (*Thematic map*): Organização que permite identificar temas e subtemas de maneira relacional.

A ATR não deve ser aplicada sobre uma fonte única de dados. Este método envolve uma busca que cruza de forma transversal os dados e a procura por padrões de significados repetidos em diversas fontes (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012). Por esta razão, um tema consiste na significação e convergência de códigos que se articulam para responder a um aspecto ou à pergunta de pesquisa como um todo (BRAUN; CLARKE, 2019). Neste contexto, os processos de produção ou coleta de dados (considerando a reflexividade e intenção participativa do(a) pesquisador(a) na investigação, sugerimos que primordialmente o conceito de “produção de dados” seja mais adequado) podem ocorrer através de diversos instrumentos, como documentos, questionários e entrevistas, sendo estas últimas consideradas como excelentes meios de exploração e investigação aprofundada sobre experiências pessoais (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Tanto o conjunto, quanto o corpo de dados da pesquisa, deriva do modo como os dados são produzidos, e das pessoas que se envolvem neste processo. Por esta razão, a escolha do instrumento deve ser convergente com a pergunta de pesquisa e com a fundamentação teórica, assim como as fontes devem ser apropriadas e relacionadas ao problema estudado. Neste processo, a ATR estabelece alguns parâmetros para a seleção e abordagem de participantes de pesquisa. Um tópico em especial que envolve o método é o critério para definição do grupo de participantes. Uma questão fundamental é: quando parar a produção/coleta de dados?

Braun e Clarke (2021b, p. 202, tradução nossa) destacam o cuidado a ser tomado com o dilema da saturação dos dados, definida como “[...] redundância de informação ou o ponto em que nenhum novo tema ou código ‘emerge’ dos dados, como um aspecto sensível em relação ao critério para determinação das características e número de participantes ou fonte de dados de um estudo” (grifo das autoras). Neste contexto, dois aspectos se fazem de grande importância: 1) é fundamental que exista mais de uma fonte de dados ou participantes (BRAUN; CLARKE, 2012); 2) embora no passado as autoras tenham sugerido um número entre seis e quinze participantes para pesquisas com entrevistas (BRAUN; CLARKE;

WEATE, 2016), tal compreensão não se configura como uma regra, pois “[...] tais decisões podem e devem ser tomadas dentro do processo de coleta de dados, revisando a qualidade dos dados durante o processo – e reconhecendo que o tamanho da amostra por si só não é o único fator em jogo” (BRAUN; CLARKE, 2021b, p. 211, tradução nossa).

As autoras sugerem que a saturação de dados, especialmente quando relacionada ao encerramento da análise devido ao esgotamento de informações oferecidas pelo dado ou pelo alcance do número de fontes estabelecido, está mais relacionado às escolas *small q* e *medium q*, pois tais abordagens entendem que os dados estão ali para serem descobertos e, por isso, chegam ao fim, sendo inclusive importante sua confiabilidade e convalidação. A ATR, por se caracterizar como uma forma de análise pautada na interpretação do(a) pesquisador(a), estabelece que os códigos ou significados oriundos da análise nunca se esgotam, pois dependem das perguntas que o(a) codificador(a) faz durante a análise, assim como a abordagem adotada em cada momento de leitura e interpretação dos dados. Deste modo, tratando-se de uma abordagem *Big Q*, a saturação dos dados se faz como um conceito a ser evitado na ATR, pois novas análises, com perguntas e abordagens diferentes, podem dar nova vida ao trabalho interpretativo. Neste universo, a definição do grupo de participantes, ou de fonte da dados, se dá de forma a privilegiar critérios preliminares e claros que permitam ao(à) pesquisador(a) elaborar elementos que possam responder à sua pergunta de pesquisa. Ou seja, os critérios para seleção se fazem mais importantes do que o número de fontes/participantes.

Alguns parâmetros para a elaboração de critérios de seleção são sugeridos por Braun e Clarke (2021b): a qualificação do grupo; sua justificativa frente à pergunta de pesquisa; a profundidade da análise; equilíbrio entre homogêneo (menor grupo) e heterogêneo (maior grupo); considerar que participantes com características diferentes podem ampliar a análise e deixá-la mais complexa.

Deste modo, Braun e Clarke (2021b) sugerem que, para a composição de um grupo de participantes, ou de fontes para o estudo, seja estabelecido um número inicial, mas não final. Além disso, o encerramento da produção/coleta de dados não se dá por parâmetros pré-definidos, mas sim, quando se reúnem elementos robustos o suficiente para responder à pergunta de pesquisa. Um aspecto importante neste processo é a realização simultânea da produção e análise de dados, de modo a promover uma percepção ampla e complexa sobre a geração de códigos e temas para a resposta ao problema investigado (BRAUN; CLARKE, 2022a).

Para a análise dos dados de uma pesquisa, algumas etapas se fazem fundamentais na ATR. Tais etapas de análise não acontecem em uma ordem inflexível, direta e linear, mas sim, caracterizam-se como uma construção de idas e vindas do(a) pesquisador(a) sobre o corpo e conjunto de dados, retomando construções e codificações anteriores sempre que novos temas sejam criados ou revisados (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016):

a) Familiarização inicial com os dados: consiste na leitura do corpo ou conjunto de dados com a intenção de aproximar-se do contexto em que os mesmos foram produzidos/coletados, além de iniciar o processo de identificação e interpretação de seus significados. É uma etapa que demanda a leitura/visualização/escuta dos dados a partir das perguntas de pesquisa, realizando anotações e comentários sobre possíveis formas de respondê-las. O objetivo desta fase é tornar-se familiarizado(a) com os dados e perceber fenômenos e elementos que podem ser relevantes;

b) Produção de códigos iniciais: criação de rótulos e códigos que atribuem e expressam significados aos dados. A codificação se dá no exercício de sintetizar os conteúdos da interpretação de forma com que possam ser identificados os padrões para posterior geração dos temas. Consiste na análise com base na percepção e subjetividade do(a) pesquisador(a), assim como a influência do referencial teórico utilizado. É muito importante, além de criar os

códigos, destacar no conjunto de dados a quais extratos eles se relacionam, de modo a recuperá-los em momentos posteriores da análise. Os rótulos dos códigos não precisam ser permanentes. Muito pelo contrário, a constante revisão dos mesmos possibilita maior rigor e coerência na busca por padrões;

c) Construção de temas: trata-se de um processo ativo, com modificações constantes. Um aspecto importante da ATR é que temas não são encontrados, mas sim construídos ou gerados, pois derivam da ação interpretativa e criativa do(a) pesquisador(a). Em linhas gerais, tal processo consiste no “[...] agrupamento de códigos que parecem compartilhar alguma característica unificadora, de modo que reflitam e descrevam um padrão coerente e significativo nos dados” (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 63, tradução nossa);

d) Revisão de temas iniciais: em um primeiro momento, consiste em “[...] verificar seus temas em relação aos extratos de dados coletados e explorar se o tema funciona em relação aos dados” (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 64, tradução nossa). Caso a conclusão não seja satisfatória, tanto os temas, quanto seus códigos, precisam ser revistos e novamente gerados, se for o caso. Algumas perguntas são chave neste processo:

Isso é um tema (pode ser apenas um código)? Se é um tema, qual é a qualidade deste tema (isso me diz algo útil sobre os conjuntos de dados e minha pergunta de pesquisa)? Quais são os limites deste tema (o que inclui e exclui)? Existem dados suficientes (significativos) para apoiar este tema (o tema é frágil ou robusto)? Os dados são muito diversos e abrangentes (o tema não tem coerência)? (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 65, tradução nossa);

e) Definição e nomeação dos temas: esta fase envolve selecionar trechos de discursos que são simbólicos, e estabelecer nomes a temas de modo a apresentar o significado dado pelo(a) pesquisador(a) ao padrão de códigos encontrado. Assim como os códigos, os nomes dos temas devem ser informativos, concisos e atraentes. Devem estar relacionados às perguntas de pesquisa e aos fenômenos por ela tratados. Além disso, os temas não são elaborados de forma separada. Eles se relacionam também com os demais temas, inclusive na ordem de apresentação dos mesmos no relatório de pesquisa, afinal as conclusões são oriundas desta relação e são definitivas a partir da conclusão geral do estudo. Neste último aspecto mora a importância da elaboração de um bom mapa temático, facilitando a organização da relação entre temas;

f) Produção de relatório de resultados: o relatório de resultados precisa contar a história interpretativa gerada pelo(a) pesquisador(a) a partir da análise dos dados. Deste modo, além de conter coerência entre os temas, é fundamental a convergência com a pergunta central da pesquisa e o referencial teórico adotado. A forma de apresentação dos resultados, discussão e conclusões precisa, inclusive, ser coerente com os pressupostos epistemológicos adotados na elaboração do estudo. Além disso, a inclusão de exemplos ou extratos de dados que permitam a contextualização ou ilustração dos códigos e temas é componente fundamental de um relatório de pesquisa baseado em ATR⁵.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DOS AUTORES COM A UTILIZAÇÃO DA ATR EM PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO, SOCIOLOGIA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

⁵ Um aspecto importante da ATR é a forma com que os dados e resultados do estudo são apresentados. Por falta de espaço neste artigo, decidimos não abordar os parâmetros e sugestões de Braun e Clarke para a construção de relatórios, artigos e publicações de pesquisa que se baseiam neste método. De toda forma, sugerimos fortemente a leitura do texto intitulado “*Conceptual and Design Thinking for Thematic Analysis*” (BRAUN; CLARKE, 2022a).

Esta seção é direcionada a algumas experiências e vivências dos autores deste artigo ao trabalharem com ATR em pesquisas sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte. Do mesmo modo como Braun e Clarke aprimoraram o método no decorrer do tempo, estes pesquisadores brasileiros também se apropriaram da ATR de forma processual, prática e baseada em sua reflexividade frente aos procedimentos de pesquisa. Nesta trajetória, novas formas de ação e informações foram sendo incorporadas, tanto através de maior aprofundamento sobre o método, quanto também de novas orientações publicadas pelas autoras, algumas delas, inclusive, mais recentes do que os estudos realizados até então pelos autores deste artigo.

EXPERIÊNCIAS EM PESQUISAS SOBRE CONSTRUÇÃO DE CARREIRA DE ATLETAS⁶

Minha principal área de pesquisa é a Sociologia do Esporte, com maior dedicação à linha de pesquisa sobre processos de construção de carreiras de atletas, sempre em diálogo com questões também relacionadas às áreas da Educação e Educação Física. Nesta trajetória, já me dediquei tanto a estudos qualitativos, quanto quantitativos, tanto na posição de pesquisador principal, como de orientador de alunos(as) de graduação e pós-graduação.

Neste contexto, minha principal pergunta de pesquisa é: “Como se constituem os processos de construção de carreiras de atletas?”. Meu objetivo principal é: “Contribuir com a oferta de práticas esportivas que sejam inclusivas e que promovam o envolvimento do(a) praticante por toda a vida, através da oferta de subsídios teóricos que estruturam intervenções administrativas e pedagógicas”. Desde minha formação no Mestrado, optei por aprofundar-me na Sociologia Reflexiva do autor francês Pierre Bourdieu (2003, 2011), sendo este meu principal, mas não único referencial teórico.

De forma majoritária, tenho experiência com a realização de entrevistas semiestruturadas, tendo sido este meu principal instrumento de produção de dados. Estimo que desde minha pesquisa de Doutorado (MARQUES, 2010; MARQUES; GUTIERREZ, 2014), até a conclusão da minha tese de Livre-docência (MARQUES, 2020), eu já tenha entrevistado aproximadamente 65 participantes de pesquisa, entre atletas e dirigentes esportivos, realizando a análise de todo este corpo de dados, tanto utilizando ATR, quanto outros métodos⁷. Como forma de trabalho, eu sempre procurei fazer as entrevistas e análises iniciais de forma síncrona e relacionada, o que me permite retornar a campo para novas rodadas de produção de dados com os participantes, no caso de necessidade de novas informações ou aprofundamentos. Além disso, antes das análises, sempre procuro obter a concordância de tais participantes em relação ao conteúdo do conjunto de dados de suas entrevistas, com aprovação das transcrições.

Devido a este contexto, acredito que a utilização da ATR é muito coerente com meus objetivos de pesquisa, assim como linha epistemológica e fundamentação teórica, pois aponta convergência em relação à minha participação na produção e análise de dados de forma reflexiva, além de valer-me de um referencial teórico claro que me permite uma análise predominantemente construtivista, teórico-dedutiva e latente. Deste modo, as escolhas preliminares a serem feitas em meu caso são de certa forma tranquilas, pois se engajam de maneira muito coerente e convergente com o universo de escolhas proposto por Braun e Clarke (2012). Por outro lado, isso não exclui a possibilidade de dados surgirem de forma indutiva no decorrer das pesquisas, mas que acabam sendo analisados com o olhar dirigido pelo referencial teórico principal. Exemplos são os tópicos relacionados à Dupla Carreira e à

⁶ Experiências relatadas pelo primeiro autor deste artigo.

⁷ São exemplos a Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2009; STRAUSS; CORBIN, 2008) e o Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Migração de atletas, fenômenos não analisados em um primeiro momento em algumas de minhas pesquisas, mas que posteriormente passaram a receber muita atenção, tanto de minha parte, quanto de meus(minhas) alunos(as) e colaboradores(as).

Quanto ao processo de análise em si, considero que existem softwares especializados que auxiliam os(as) pesquisadores(as) na codificação e geração de temas. Porém, principalmente utilizo planilhas de organização e processamento de dados, com codificação inicial nas próprias transcrições de entrevistas, seja em folhas impressas ou em softwares de edição de texto. Neste processo, destaco que meu maior desafio é agrupar os padrões de códigos de modo a gerar temas, além de revisá-los (confesso que por muitas vezes os temas e subtemas são abandonados, sendo criados outros em seu lugar, pois a cada nova leitura dos dados, muitos códigos acabam se associando de novas formas). Por isso, a ATR deve ser feita em vários momentos, em especial com algum intervalo temporal entre eles, respeitando o tempo reflexivo e de novos questionamentos do(a) pesquisador(a) sobre sua própria pesquisa.

Também destaco a grande utilidade de, ao gerar os temas e revisá-los, sempre elaborar de forma simultânea o mapa temático, seja em formato de figura, como exemplificado em alguns de meus trabalhos (MARQUES *et al.*, 2021, 2022)⁸, ou em texto corrido (MARQUES, 2020; MARQUES; MARCHI JR, 2019, 2021). Esta prática é muito útil para subsidiar a análise e permitir ao(à) pesquisador(a) melhores pontos de vista sobre as conexões e padrões de códigos que gerarão os temas, além de ser uma forma bastante didática de apresentação dos dados ao(à) leitor(a).

Por fim, sugiro que no decorrer da análise os(as) pesquisadores(as) permitam-se criar vários subtemas antes de gerar os temas principais. Este processo é muito profícuo no sentido de permitir avaliar e rever tanto os códigos, quanto as convergências e divergências entre subtemas que configurarão posteriormente os temas finais.

PESQUISAS SOBRE PERSPECTIVAS DE PESSOAS ENVOLVIDAS EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS⁹

Minha área de formação e atuação é a Sociologia do Esporte, com foco em impactos de megaeventos esportivos em comunidades diretamente atingidas por tais eventos e nas perspectivas de pessoas envolvidas em projetos sociais esportivos. Na maior parte de minhas pesquisas me vali de estudos qualitativos, e em algumas delas me utilizei de técnicas quantitativas, sendo o mesmo válido em relação aos trabalhos de alunos(as) de graduação e pós-graduação, também abordando temas relacionados à Educação e Educação Física.

Neste contexto, minhas principais perguntas de pesquisa são: “Como pessoas diretamente impactadas por megaeventos esportivos percebem múltiplos aspectos de tais eventos?” e “Quais as perspectivas de pessoas envolvidas em projetos sociais esportivos sobre o desenvolvimento deste setor e sobre questões relevantes em tal contexto?”. Meu objetivo principal é: “Contribuir para com a justiça social nos universos dos megaeventos esportivos, dos projetos sociais esportivos e da pesquisa”. Desde minha formação no mestrado, escolhi aprofundar-me nos estudos da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu (2003, 2011) e do Materialismo Histórico-dialético de Karl Marx (2013).

⁸ Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Título do projeto de pesquisa: Formação esportiva de jogadores da seleção brasileira adulta masculina de futsal: aspectos socioculturais e pedagógicos vivenciados pelos atletas. Pesquisadores(as) colaboradores(as): PhD Natalie Barker-Ruchti (Örebro University, Suécia); PhD Astrid Schubring (University of Gothenburg, Suécia); Dra. Myrian Nunomura e Dr. Rafael Pombo Menezes (Universidade de São Paulo, Brasil). Vigência: 2014-2017. Processo: 442478/2014-3.

⁹ Experiências relatadas pelo segundo autor deste artigo.

Entrevistas semiestruturadas são constantes como instrumento de produção de dados em minhas pesquisas, assim como são frequentes a análise de documentos, os questionários e, por vezes, as observações. Desde minha pesquisa de mestrado (GRAEFF, 2006; GRAEFF; STIGGER, 2009), já entrevistei mais de 150 pessoas das mais diversas posições nos campos em que investiguei, tendo realizado ou participado da análise de tais dados em todas as ocasiões.

Neste trecho do trabalho, quero mencionar especificamente uma experiência de pesquisa que teve foco nas perspectivas de pessoas sul-americanas envolvidas em projetos sociais esportivos. A pesquisa em voga foi intitulada “Vozes sul-americanas do Esporte para o Desenvolvimento e a Paz e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável¹⁰ - Vozes” (GRAEFF, 2021; GRAEFF; ŠAFAŘÍKOVÁ; SVOBODA, 2021) e contou com a participação de pesquisadores brasileiros, uruguaios, colombianos e tchecos. Esta pesquisa contou com financiamento¹¹, assim, desde muito antes de iniciarmos a coleta de dados, tópicos de interesse e relevância já constavam do projeto, assim como um referencial teórico claro, estabelecendo uma perspectiva teórico-dedutiva.

No caso desta pesquisa - Vozes -, ao realizarmos as primeiras análises das transcrições de entrevistas de agentes do setor dos projetos sociais esportivos da América do Sul, realizamos uma reunião para planejamento, avaliação das ferramentas utilizadas e organização do conjunto de passos a serem tomados. Ao iniciar a análise dos dados, além de outros tantos que se mostraram relevantes, foi consenso que dois códigos foram gerados de forma frequente o suficiente em diversos dos depoimentos para que déssemos a eles atenção especial. É importante relatar que estes surgiram de forma indutiva em nossa análise, inclusive porque também vêm sendo tratados de maneira marginal na literatura brasileira sobre o tema. Como começamos a entender mais tarde, tais questões são consideradas sem grande importância nos países de onde aflora a maior parte das publicações que abordam este tópico de pesquisa, e o destaque a elas foi uma grande contribuição do referido estudo.

Resolvemos então codificar tudo que fosse relativo a drogas e escola, os dois tópicos mencionados. Relatos analisados traziam testemunhos do tipo “se não existisse o projeto, estas crianças estariam nas drogas”, “a gente disputa os jovens com o tráfico” e “nosso projeto começou com o professor de Educação Física e na escola tal” e “as atividades do projeto acontecem aos finais de semana ou no ‘turno inverso’ na quadra da escola, que é o único espaço adequado na nossa comunidade”¹². Etapas posteriores da análise e reuniões entre pesquisadores(as) entenderam que estes dois códigos agrupavam questões suficientemente significantes e robustas para justificar dois novos temas em nossa estrutura analítica, que também se valeu do suporte do referencial teórico utilizado.

Assim, me parece que este relato se coloca na perspectiva de defender uma postura em relação aos dados e sua análise. Tal postura requer do(a) pesquisador(a) organização, conhecimento, planejamento, procedimentos claros, atenção e um profundo grau de detalhamento. Entretanto, também exige reflexão, leveza, criatividade, “cabeça aberta” e coragem. Adotar esta postura pode ser desafiador, nem sempre pares estão dispostos(as) a permitir mudanças acentuadas no conjunto de saberes e conhecimentos que compõem dado campo acadêmico. Mas pode ser também recompensador, logo que os avanços destes mesmos campos dependem em muito de tais mudanças, em grande parte dos casos.

¹⁰ South American Sport for Development voices and the Sustainable Development Goals - 2020/2021 Advanced Olympic Research Grants awarded, <https://olympics.com/ioc/news/2020-2021-advanced-olympic-research-grants-awarded>.

¹¹ Falas fictícias baseadas em exemplos ainda não publicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho foram: a) analisar e apresentar de forma didática o método Análise Temática Reflexiva, considerando as orientações de Virginia Braun e Victoria Clarke; b) compartilhar experiências de aplicação de tal método em estudos sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte, refletindo sobre dificuldades e êxitos vivenciados em tal processo. Deste modo, considerando nossa leitura e interpretação dos trabalhos de Braun e Clarke citados, além de nossa experiência de aproximadamente quinze anos em pesquisa (incluindo a utilização da ATR), procuramos criar uma forma didática, reflexiva e crítica de apresentar o método, assim como nossas experiências pessoais neste processo.

Por acreditar que qualquer leitura ou análise, especialmente qualitativa, carrega algum grau de reflexividade, derivada da história, bagagem cultural, posição social e objetivos dos(as) pesquisadores(as), no caso deste artigo tal processo certamente ocorreu. Por isso, nosso trabalho aqui não consiste em uma descrição substancial da obra de Braun e Clarke sobre ATR, mas sim, nossa interpretação e contribuições sobre possibilidades de utilização do método, de forma contextualizada a nossas experiências em pesquisa sobre Educação, Sociologia, Educação Física e Esporte.

Considerando que nós, autores deste trabalho, continuamos em processo de transformação, aprendizagem e aprimoramento durante toda a vida, e que é muito provável que em um período breve de tempo novas atualizações e aprimoramentos sobre a ATR podem/devem surgir, destacamos que esta é nossa contribuição presente e possível neste momento de nossas carreiras acadêmicas. Porém, estamos cientes de que, reflexivamente, tanto nossos trabalhos de pesquisa quanto nós mesmos enquanto pesquisadores continuaremos passando por novas “codificações” e pela “geração e revisão de temas”, tanto em relação à utilização da ATR, quanto aos resultados oriundos das pesquisas das quais participamos.

Por fim, esperamos ter contribuído para uma melhor aproximação dos(as) leitores(as) deste trabalho com a ATR proposta por Braun e Clarke. Assim como desejamos que tal artigo possa ajudar na elaboração e desenvolvimento de pesquisas qualitativas rigorosas do ponto de vista metodológico e epistemológico, e transformadoras e promotoras de justiça social, do ponto de vista da realidade e contextos em que venham a ser realizadas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIRA, C. R. A. Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (org.). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 317-368.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'água, 2003. p. 39-72.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Conceptual and Design Thinking for Thematic Analysis. **Qualitative Psychology**, v. 9, n. 1, p. 3-26, 2022a.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Thematic Analysis**. Disponível em: <https://www.thematicanalysis.net/>. Acesso em: 09 ago. 2022b.

BRAUN, V.; CLARKE, V. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? **Qualitative Research in Psychology**, v. 18, n. 3, p. 328-352, 2021a.

BRAUN, V.; CLARKE, V. To saturate or not to saturate? Questioning data saturation as a useful concept for thematic analysis and sample-size rationales. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 13, n. 2, p. 201-216, 2021b.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Can I use TA? Should I use TA? Should I not use TA? Comparing reflexive thematic analysis and other pattern-based qualitative analytic approaches. **Counselling and Psychotherapy Research**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2021c.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being**, v. 1, p. 9-10, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic Analysis. In: COOPER, H.; CAMIC, P. M.; LONG, D. L.; PANTER, A. T.; RINDSKOPF, D.; SHER, K. J. (ed.). **APA handbook of research methods in psychology**. Vol. 2, Research designs : quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. p. 57-71.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; WEATE, P. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: SMITH, B.; SPARKES, A. C. (ed.). **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. New York: Routledge, 2016. p. 191-205.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CLARKE, V.; BRAUN, V. Using thematic analysis in counselling and psychotherapy research: a critical reflection. **Counselling and Psychotherapy Research**, v. 18, n. 2, p. 107-110, 2018.

GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G.; CARMO, C. S.; AYALA-ZULUAGA, J. E. Aprender a investigar: la postura y el método soportado por la fenomenología. In: TORO-ARÉVALO, S. A.; VEGA-RAMÍREZ, J. (org.). **Manifestaciones de la motricidad humana: brotes desde el sur**. Valdivia: Ediciones UACH, 2021. p. 59-80.

GRAEFF, B. **South American Voices on Sport for Development and Peace**. 2021. 1 vídeo (46 min.). Publicado pelo canal SEaD FURG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SMhDFshZry8>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GRAEFF, B. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GRAEFF, B.; ŠAFAŘÍKOVÁ, S.; SVOBODA, A. **South American Sport for Development voices and the Sustainable Development Goals**. 2021. (relatório de pesquisa). Disponível em: <https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/1447497/south-american-sport-for-development>. Acesso em 10 jul. 2022.

GRAEFF, B.; STIGGER, M. P. “O segredo do sucesso”: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Movimento**, v. 15, n. 3, p. 163-186, 2009.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LIMA, C. M. G.; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. 1, p. 21-30, 1996.

Renato Francisco Rodrigues Marques; Billy Graeff

MARQUES, R. F. R. **A construção da carreira de jogadores da seleção brasileira de futsal**: constituição de disposições para o investimento no esporte de elite. 2020. 215 f. Tese (Livre-docência em Sociologia da Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da Sociologia do Esporte de Pierre Bourdieu. 2010. 286 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARQUES, R. F. R.; BARKER-RUCHTI, N.; SCHUBRING, A.; MARCHI JÚNIOR, W.; MENEZES, R. P.; NUNOMURA, M. Moving Away: Intra-National Migration Experiences of Brazilian Men Elite Futsal Players During Youth. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 57, n. 6, p. 940-959, Sept. 2022.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **Esporte paralímpico no Brasil**: profissionalismo, administração e classificação de atletas. São Paulo: Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; MARCHI JÚNIOR, W. Migration for work: Brazilian futsal players' labor conditions and disposition for mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 45, n. 3, p. 272-299, 2021.

MARQUES, R. F. R.; MARCHI JÚNIOR, W. A cobertura midiática sobre o futsal masculino no Brasil: perspectiva dos atletas da seleção brasileira principal. **Movimento**, v. 25, p. e25018, 2019.

MARQUES, R. F. R.; SCHUBRING, A.; BARKER-RUCHTI, N.; NUNOMURA, M. From soccer to futsal: brazilian elite level men players' career pathways. **Soccer & Society**, v. 22, n. 5, p. 486-501, 2021.

MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política**: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, F. O. Um olhar sobre as representações sociais e a imagética na análise do espaço geográfico. **ACTA Geográfica**, v. 11, n. 25, p. 95-110, 2017.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIOTTO, D. Igual, interlocutor ou amigo? Uma discussão sobre a relação pesquisador-pesquisado na utilização de entrevistas. **Revista Tempos e Espaços na Educação**, v. 4, n. 6, p. 101-110, 2011.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**: from process to product. Oxon: Reutledge, 2014.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Recebido em: 10 ago. 2022.

Aprovado em: 11 set. 2022.